



ARQUITETURA DO ABANDONO: UMA VISÃO VOLTADA AOS ESPAÇOS URBANOS DE ZONAS PORTUÁRIAS

TAILLINE MAIARA WEBBER RAUTA¹;
ADRIANA ARAUJO PORTELLA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – tailline.rauta@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – adrianaportella@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo elucidar sobre o tema relacionado à arquitetura do abandono e como o assunto se insere no cotidiano dos usuários. Além disso, o trabalho levanta questões relacionadas a áreas portuárias abandonadas.

O abandono rodeia nosso cotidiano de uma forma muito mais próxima do que se imagina. Todos os dias, em um simples passeio pela cidade ou no caminho para o trabalho, encontram-se edificações em diferentes estados de arruinamento, restos de demolições, locais deixados vagos por empresas que faliram ou migraram, empreendimentos inconclusos, destituindo-se dos pedaços de sua história.

O olhar do usuário pela cidade, ignora esses espaços. Além de abandonados estruturalmente, encontram-se abandonados sentimentalmente. No caminho percorrido, os olhos procuram por edificações belas, deixando o abandono em outro plano, como se houvesse um véu cobrindo esses fragmentos da história.

A linguagem arquitetônica abandonada, supera as expectativas de uma leitura linear do ambiente urbano. Espaços que tiveram nome, data, função, e agora decompõe-se lentamente na solidão do presente (GHISLENI, 2020). Camuflados em meio a dinâmica das cidades, ainda que apresentados em pequenas porções e rodeados por outras edificações, o abandono espalha-se.

Aos poucos, as transformações urbanas foram deixando uma série de estruturas construídas, em estado de abandono. Alguns edifícios que outrora serviram a desempenho de suas funções, lucrativos e integrantes do sistema econômico de seu contexto, tornam-se construções desativadas, subutilizadas, sem uso (MACEDO, 2019).

Como lembra Pio (2014, p.60), “os espaços discursivamente construídos como vazios urbanos e abandonados justificam a força da potencialidade de aproveitamento”. A ociosidade é de certo modo, o que impede que a vocação natural da região seja efetiva, opondo-se a uma cultura de legado, com a intenção de manter a história e o futuro da cidade.

Em grandes centros urbanos é significativa as intervenções que consideram a relação entre cultura e memória urbana. Segundo Pio (2014, p.62), a “regeneração cultural das cidades” se apoia em quatro ações, e uma delas é a valorização histórico, cultural e arquitetônico urbano e das áreas portuárias abandonadas. Com isso, um questionamento paira sobre os pensamentos: como instigar a valorização dos espaços abandonados?



2. METODOLOGIA

O estudo tem caráter exploratório com abordagem qualitativa, pois pretende através de revisão bibliográfica, identificar relações entre os espaços abandonados. A investigação é conduzida através de uma análise do espaço portuário da cidade de Pelotas/RS.

Até o presente momento, a pesquisa encontra-se na fase de revisão bibliográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade em essência, movimenta-se em diferentes escalas, e “se transmuta em um painel de bricolagem que nos rebate sentidos e percepções que deslocam nossa subjetividade” (FERREIRA DE SOUZA, 2019). Residências, edifícios, lojas. Reformas, novas construções, modificações, alterações. E o abandono. Não se pode negar que os olhares desviam do abandono, que distorcem para o lado “mais bonito”, pois nos desafiam alçar a própria arquitetura para além de sua funcionalidade expressa.

Se tentássemos explicar o que são as arquiteturas do abandono, quais as primeiras perguntas que poderíamos fazer: o que é uma arquitetura do abandono? Porque tal lugar ficou abandonado? Quais parâmetros definem uma arquitetura do abandono? (ROCHA, 2010). Essas e muitas outras perguntas podem ser construídas quando se começa a perceber esses espaços.

Quando se trata de literatura, ela é prolixa na identificação de fatores diversos que podem ser responsáveis pelo abandono urbano, desde razões ambientais a motivos sociais, políticos e econômicos (BRITO-HENRIQUES, SOARES E AZAMBUJA, 2017).

Segundo Rocha (2010), quando adentramos no mundo do abandono, entramos numa zona de indefinições, difíceis de serem identificadas ou caracterizadas, pois não existem regras a serem aplicadas, apenas desordem, desorganização e desregramento.

A arquitetura abandonada pode também ser vista como obra de arte, uma escultura incidental, que surge a partir de um processo de decadência, falta de cuidado, ações do tempo, do clima, influenciando a forma arquitetônica, suas coes, e até mesmo as sensações remetidas a quem ouse enxerga-las.

De outra maneira, as arquiteturas abandonadas servem como painel para atividades artísticas. Diversas vezes, artistas expressam sua arte nas paredes e fachadas, ou outro local que se encontra destituído da sua funcionalidade, transformando aquele espaço, em uma tela, e não somente isso, mas utilizando daquele local como uma plataforma de comunicação.

De acordo com Macedo (2019), olhar para as marcas urbanas – os registros e expressões aplicadas nas superfícies das edificações que configuram a cidade – comprova que as intervenções artísticas se tornam mensagens registradas, a fim de fomentar questões da cultura urbana contemporânea, aproximando-se da crítica.

Por outro lado, procurar por uma arquitetura engessada, sem nuances ou modificações, até mesmo pelo tempo, ou até uma cidade parasitária, seria não compreender a própria história da arte, da arquitetura e da cidade.



4. CONCLUSÕES

Os lugares que se encontram abandonados, refletem sobre o declínio desses edifícios não como uma “sentença de morte”, mas como uma oportunidade de novas histórias. Esses espaços podem criar novas relações com a cidade onde estão inseridos, com novos significados, propósitos, atividades, usos e funções, que irão contribuir na reincorporação dos mesmos, no espaço urbano. Mas para que isso aconteça, antes é necessário fazer a identificação desses espaços como parte integrante da cidade.

Expor e ampliar sobre esse assunto contribui para uma discussão que busca alternativas de uso e preservação desses espaços, ampliando a memória arquitetônica e histórica, fazendo com que os usuários que por ali transitem, e utilizem o espaço, criem novos sentimentos e recordações.

Quando analisamos os espaços abandonados, seu papel é ressignificado, não apenas no sentido de uma revitalização, mas também com um olhar de compreensão, percebendo que dentro há um mundo de possibilidades. Isso não se atrela somente a um determinado espaço ou zona da cidade, mas sim para qualquer edificação que esteja precisando de uma nova vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO-HENRIQUES, Eduardo; SOARES, Ana Luísa; e AZAMBUJA, Sónia Talhé. **Os espaços abandonados na cidade: alternativas aos modelos convencionais de recuperação da paisagem urbana.** Espaços de Paisagem, vol. II, 2017, p. 34-52.

FERREIRA DE SOUZA, Rafael. **Arte-arquitetura no abandono.** Revista Prumo, [S.I.], v. 4, n. 7, out. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/1115>>. Acesso em: 14 maio 2021.

GHISLENE, Camilla. **A efemeridade do corpo e do espaço: um convite ao abandono.** ArchDaily Brasil, nov. 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/950811/a-efemeridade-do-corpo-e-do-espaco-um-convite-ao-abandono>>. Acesso em: 16 maio 2021.

MACEDO, Wesley. **Lugares abandonados.** Revista ARA, USP-SP, v. 7, n. 7, p. 154-170, nov. 2019.

PIO, Leopoldo Guilherme. **Cidade e Patrimônio nos projetos Corredor Cultural e Porto Maravilha.** Revista Hummus, n. 10, 2014.

ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte).** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. UFRGS, 2010.